



Encontro Gaúcho de Educação Matemática

A Educação Matemática do presente e do futuro:
resistências e perspectivas

21 a 23 de julho de 2021 - UFPel (Edição Virtual)

OBSTÁCULOS, OPINIÕES E EXPERIÊNCIAS: INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DA ZONA RURAL

Tamires Vilela Ferreira¹

Thais Oliveira Duque²

Eixo: Eixo 6

Modalidade: Comunicação Científica

Categoria: Aluna de Graduação

Resumo

A educação ofertada na zona rural foi por anos postergada. O presente estudo tem por finalidade analisar e descrever os obstáculos, opiniões e experiências sobre o ensino no âmbito rural, bem como investigar o contexto da matemática ofertada nele, pela perspectiva dos alunos que ainda tem ou já tiveram contato com este ensino. O embasamento teórico teve como suporte as leis que garantem o direito da educação no âmbito rural, bem como autores que buscam uma educação melhor no campo, como Arroio, Caldart e Molina. Ademais ferramentas de ensino na disciplina de matemática são bem vistas nesse ambiente, como a Etnomatemática que foi descrita por D'Ambrósio. Outrossim, os estigmas associados aos alunos da zona rural foram embasados nas teorias de Rodrigues e Bonfim, além de outros autores. A pesquisa foi de caráter exploratório e descritivo, com a obtenção de dados através de um questionário disponibilizado nas redes sociais (WhatsApp, Instagram e Facebook), e contou com 54 respondentes. Os resultados obtidos foram condizentes com as teorias apresentadas que deram embasamento a essa pesquisa, sendo uma base para que os docentes tenham uma reflexão sobre o ensino inserido na zona rural e busquem melhorias.

Palavras-chave: Zona rural; Aluno; Professor; Ensino; Matemática.

Introdução

Por anos a educação no meio rural não foi incluída nas Constituições Federais, quando finalmente foi, se tratava de uma educação de dominação por interesse da elite sobre os trabalhadores (ARROIO; CALDART; MOLINA, 2011), somente na Constituição de 1988 que a educação é realmente um direito de todos, assim livre de dominações e controle. Nesse sentido, pode-se vislumbrar a importância de analisar os obstáculos, opiniões e

¹Graduanda em Licenciatura em Matemática no IFMG – *Campus* Formiga. E-mail: tamiiresvilela@gmail.com.

²Mestrado; IFMG - *Campus* Formiga. E-mail: thais.duque@ifmg.edu.br



experiências que os alunos de zona rural vivenciaram e ainda vivenciam, levando os docentes a uma reflexão sobre o ensino ofertado no meio rural.

Assim alguns pressupostos nortearam essa pesquisa, como a hipótese de que os alunos da zona rural sofrerem preconceitos/julgamentos por sua localidade, ademais, a educação ofertada no âmbito rural ser inferior ao âmbito urbano. Somado a isso, acredita-se que o contexto da matemática não é adaptado ao ambiente escolar rural, gerando impactos negativos no processo de ensino-aprendizagem.

Fundamentação Teórica

No cenário educacional, nem sempre a Constituição garantiu o direito da educação aos moradores do campo, somente em 1988 que a educação foi promulgada como um direito de todos, assim foi possível a educação do campo se ver livre de uma educação submissa a elite para uma educação justa e igualitária (ARROIO; CALDART; MOLINA, 2011).

A Educação Rural, é uma vertente da Educação do Campo, sendo a escola de zona rural definida como o espaço educativo localizado no ambiente agrícola (MACHADO, 2017), esse sendo popularmente conhecido como “roça”.

Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9.394/1996, que estabeleceu as diretrizes para a educação nacional, o Artigo 28 busca atender as particularidades das áreas rurais.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (Brasil, 1996, p.16).

Logo, ter o direito expresso por lei, representa o resultado de uma luta que foi por anos desconsiderada. Assim, a educação se tornou um dever do Estado e direito de todos como foi posto anteriormente, até mesmo da minoria. Entretanto, a educação da zona rural ainda é vista como inferior a urbana (ALENCAR, 2010).

Nesse sentido, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), aponta uma desigualdade em todas as regiões do Brasil, relacionado ao desempenho entre os alunos da zona rural e da zona urbana, sendo que os alunos da zona rural ocupam a inferioridade nas pontuações, e a Região Nordeste é responsável pela concentração dos menores níveis de aproveitamento (INEP, 2019).



Se jogarmos luz ao contexto do ensino da matemática os dados são ainda mais negativos, a zona rural apresenta o percentual maior nos níveis mais baixos na escala de proficiência. Os estudantes da zona rural correspondem a cerca de 25% dos três níveis mais baixos na área da matemática (INEP, 2019).

Os desafios que os professores da zona rural enfrentam no cotidiano nas escolas da zona rural, são inúmeros, destaca-se a falta de infraestrutura, materiais didáticos, classes multisseriadas, refletindo na qualidade da educação que é ofertada para os alunos (SILVA, 2016).

Mesmo com as adversidades expostas, é necessário segundo Zeferino (2014, p. 11) que,

O educador do campo deve ser aquele que contribui com o processo de desenvolvimento para uma aprendizagem de qualidade, construindo conhecimentos a partir da realidade vivida por eles. Por isso, ele deve se adequar a realidade deste povo para trabalhar a aprendizagem por meio de histórias construídas com suas lutas pela igualdade, educação, cultura e dignidade pela vida [...].

Ademais, existem outras tendências metodológicas de ensino que contribuem para a aprendizagem na área da Matemática, sendo elas: Resolução de Problemas; Modelagem Matemática; Etnomatemática; História da Matemática; Investigação Matemática (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, destaca-se a Etnomatemática onde a mesma busca adaptar o ensino ao seu público, onde o aluno tem participação ativa no seu processo de ensino-aprendizagem, trazendo a matemática formal adequada aos contextos de cada grupo, levando em consideração sua cultura, seu local e suas especialidades (D'AMBRÓSIO, 2001).

Com isso, no contexto rural é possível principalmente, utilizar a Etnomatemática, pois a mesma faz com que o aluno seja responsável pela construção e produção do seu próprio conhecimento, e o professor cria as possibilidades para isso acontecer, fugindo do ensino-aprendizagem por repetição/memorização (FREIRE, 1996).

Além da construção histórica marcada pelo abandono e descaso com a educação no campo podemos somar também ao problema dos estigmas associados aos alunos de zona rural. A população do meio rural carrega na sua história preconceitos que se permeiam na sociedade contemporânea. É possível identificar esses julgamentos até mesmo na literatura brasileira, onde Monteiro Lobato criou o personagem imaginário 'Jeca Tatu' que era um homem caipira, desleixado e sem educação que foi para a cidade em busca de melhores



condições de vida (LOCKS; GRAUPE; PEREIRA, 2015 *apud* RODRIGUES; BONFIM, 2017).

Outrossim, a história impôs aos moradores da zona rural uma carência de quesitos, como educação e higiene, assim, mudar para a área urbana deixava de lado esses vínculos de identificação, ficando livres da desvalorização que vivem no campo (FROSSARD, 2003).

Sob essa óptica, a população da zona rural ainda é vista com o estereótipo caipira, sem cultura, sem educação (RODRIGUES; BONFIM, 2017), sendo menosprezada ao local que reside. Nesse sentido, é importante que se entenda e reconheça as necessidades específicas que a educação na zona rural precisa, para que a mesma seja de qualidade e equidade.

Ter uma Educação Básica no Campo, é um exercício de cidadania. Trazendo a uma parte da população uma perspectiva de desenvolvimento apoiada no viés de vincular projetos às causas específicas, aos desafios, aos sonhos e a cultura do povo que mesmo subtendido trabalha para levar comida a mesa de toda população (ARROIO; CALDART; MOLINA, 2011).

Não se deve pensar na educação para suprir alguma coisa, como para o mercado, vestibular ou sistema de dados educacionais, a educação deve ser para todos os sujeitos, como direito que deve ser garantido de forma igualitária, unânime e justa (GOMES, 2012).

Aspectos Metodológicos

Para responder ao questionamento da pesquisa sobre os estigmas ligados aos alunos da zona rural e a educação ofertada no âmbito rural ser inferior em comparação ao meio urbano, optou-se pela metodologia de pesquisa exploratória e descritiva, que Gil (2002) afirma ser uma pesquisa que tem por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, e tem como característica a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Para obter os dados foi feito um questionário que foi construído com embasamento na teoria estudada construída na fundamentação da pesquisa. Devido ao contexto do isolamento social³ e visando uma abrangência maior de respostas, o questionário foi colocado em redes sociais especificamente nos aplicativos WhatsApp, Instagram e Facebook. Antes do envio

³ No primeiro trimestre de 2020, a sociedade foi surpreendida com a pandemia do vírus da Covid-19, fator este, que provocou o isolamento social e suspensão do ensino presencial nos âmbitos escolares.



definitivo, o questionário foi testado, verifica-se a importância do teste para avaliar a validade dos dados, o vocabulário e a fidedignidade dos resultados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

O teste aconteceu entre os dias 16 de março de 2021 à 23 de março de 2021, foi enviado o link do mesmo para pessoas aleatoriamente no WhatsApp. Os respondentes do teste, concluíram que não aconteceu nenhum embaraço para a respostas das questões, suprimindo as expectativas que o teste deve obter. Após o teste foi disponibilizado o link nas redes sociais, sendo respondido por aqueles que tem/tiveram contato com o ensino rural, ficando disponível entre os dias 25 de março de 2021 à 30 de março de 2021. Foram obtidas 54 respostas, que serão mostradas e discutidas no tópico a seguir.

Descrição e Análise dos Dados

A pesquisa contou com a participação de 54 indivíduos, sendo 61,1% do sexo feminino e o restante masculino. A faixa etária dos respondentes foi acima de 6 anos, tendo maior participação das idades entre 15 a 17 anos e acima de 17 anos, assim, a maioria ainda estuda, mais precisamente no Ensino Médio. No decorrer da descrição dos dados foi preservado a identidade dos questionados utilizando outra definição [R1; R2 (...)] para nomear as respostas.

Depois de traçar o perfil dos respondentes, no intuito de conhecer o ambiente no qual estudam/estudaram foi questionado se já tiveram contato com o ensino na escola de zona rural e na escola de zona urbana, caso a resposta fosse positiva para as duas questões, deveriam dizer se perceberam alguma diferença entre as mesmas. Logo, 57,4% dos indivíduos tiveram contato com os dois ambientes escolares.

A seguir, será mostrado as respostas das diferenças que perceberam ou não, da comparação entre os ensinos, foi colocado apenas algumas respostas, pois as demais tinham o mesmo intuito.

O ensino rural achei com mais qualidade do que o urbano. (R1)

O da zona urbana é mais completo. (R2)

O ensino da zona urbana são mais ruins pois tem muitos alunos e os de escola rural são melhores pois são menos alunos e os professores tem mais tempo pra explicar a matéria a cada aluno. (R3)

As crianças da zona rural têm mais vontade de aprender, são mais educadas, atenciosas e com isso

os professores se desdobram além do planejamento pra sanar as dúvidas deles. (R4)

A questão dos dias de chuva, a falta de energia, de transporte e condições para as aulas. (R5)

Não tem diferença. (R6)

O ensino na zona rural se torna mais desgastante, pois alguns alunos tem que levantar muito cedo para grande caminhada para a escola, além de



chegar bem mais tarde do que deveria se fosse na zona urbana. (R7)

Foi questionado sobre a opinião que possuem sobre o ensino da zona rural em comparação com o ensino da zona urbana, assim foram constatados que 33,3% consideraram ensino da zona rural inferior ao da zona urbana, contrastando com 35,2% considerando o ensino da zona rural melhor, o restante 16,7% não observaram diferença e 14,8% marcaram que a opção “não sei opinar”, percebe-se que apesar da maioria considerar o ensino da zona rural melhor que da zona urbana, a diferença foi mínima.

No quesito da disciplina de matemática ofertada na zona rural, a maioria dos respondentes não demonstraram dificuldade em aprender, sendo 48,1% do total, os demais tiveram pouca ou muita dificuldade.

Posteriormente, foi interrogado quais as dificuldades que tiveram nessa disciplina, caso existisse, assim, ressalta-se as seguintes respostas:

A matemática é muito complicada. (R1)

Na forma de replicação, penso que poderia ter mais dinâmica nas aulas. (R5)

Tudo, não gosto de matemática. (R2)

Eu era ruim na tabuada. (R6)

Tive dificuldade na multiplicação e divisão. (R3)

Confundia muito sinal. (R7)

Não é que eu tinha dificuldade na matéria em si, a professora que não conseguia dependendo de a matéria explicar direito. (R4)

Ainda se tratando do ensino da matemática, foi indagado se observaram práticas de ensino que fazia uma conexão entre o ensino da matemática e o dia a dia do meio rural, logo, 53,7% dos inquiridos, responderam que não perceberam essas práticas. O restante notou essas práticas e alguns exemplificaram como:

A unidade de medida hectare. (R1)

O planejamento era adaptado com as vivências rurais, mas não deixava para trás o planejamento normal. (R3)

Observei a utilização de exemplos do dia a dia, convencionais no meio rural, o que facilitava o entendimento. (R2)

Levando em consideração o contexto histórico, foi perguntado se os respondentes vivenciaram situações onde foram julgados por estudarem na zona rural, e em caso afirmativo, explicá-las. A maioria, mesmo sendo por pouca diferença, sendo 54,4%, relataram que não vivenciaram essas situações, os demais, apontaram algumas dessas situações como:

Povo chama você de da roça, pobre essas coisas. (R1)

Sempre fomos taxados como bobos por ser estudante da zona rural. (R2)



Pois as pessoas da zona urbana falam que as escolas da cidade são melhores. (R3)

Como muitas vezes o ensino da zona rural era taxado de inferior, alguns professores diziam que esses alunos teriam dificuldades em acompanhar os colegas da zona urbana. Puropreconceito, as

crianças que estudaram comigo sempre se saíram bem e a maioria deles tem ensino superior. (R4)

Comentários de pais que levavam seus filhos para estudarem em outras escolas porque consideravam que a escola da zona rural não possuía um bom ensino. (R5)

No mesmo parâmetro anterior, foi abordado se os indivíduos acreditavam na existência de preconceito com os alunos de zona rural, a maioria respondeu que sim (61,1%), o restante acredita que não (38,9%). Assim, alguns que responderam sim, alegaram as seguintes descrições:

As pessoas da cidade se acham superiores aos da roça. (R1)

Sim existe preconceito sim, que o estudo seja mais fraco. (R2)

Pela história, a zona rural foi sempre desfavorecida em questões sociais, então acredito

que esse preconceito ainda exista, mas de uma forma mais escondida. (R3)

Um exemplo são comentários de outros alunos "da roça", "do mato" e até mesmo olhar diferenciado dos professores "não sabe isso porque veio da roça". (R4)

Na intenção de saber como foi a experiência como todo no âmbito rural, foi questionado como foi estudar nesse ambiente. Abaixo, está algumas das respostas adquiridas que se diferenciam, as que possuem o mesmo intuito não foram colocadas.

Eu estudei na escola de zona rural desde meus 4 anos até os 17 anos, sempre estudei na zona rural, e eu simplesmente amava, por ser tranquilo, menos alunos, então ficava muito mais fácil de aprender, e até mesmo de prestar mais atenção. (R1)

Mais tranquilo, sem muito tumulto dentro da sala e com mais atenção do professor pra cada aluno. (R2)

Só tenho gratidão. Tive professores que além de profissionais são humanos e só tenho experiência boas disso, mas claro, não foi perfeito, faltava muita coisa em quesito educacionais, porém de maneira geral foi bom. (R3)

Uma experiência interessante, eu gostei. Mesmo que as condições existentes fossem inferiores ao da zona urbana não acredito que teria feito diferença em meu aprendizado, essa diferença poderia existir entre escola pública e particular. (R4)

Era difícil, mas era bom ia a pé pra escola. (R5)

Foi produtivo, porém acredito que o ensino nas comunidades rurais deveria ser melhorado no quesito da infraestrutura das escolas e estradas, não podendo colocar a culpa de muitos dias sem aula devido a intemperes do clima nos professores. Um dia sem aula é um dia sem aprendizado. (R6)

Muito bom! Se cheguei onde estou hoje certamente o meu aprendizado na zona rural contribuiu muito pra isso. (R7)

Foi bom. (R8)

Um período muito desgastante. (R9)

É muito bom estudar na zona rural porque as salas são com mais poucos alunos e aprende bem mais que uma sala com vários alunos tirando sua atenção durante as explicações. (R10)

Só tinha até o 4 ano aprendi a tabuada e ler as professoras era brava e até batia hoje em dia não tem isso. (R11)



Encontro Gaúcho de Educação Matemática

*A Educação Matemática do presente e do futuro:
resistências e perspectivas*

21 a 23 de julho de 2021 - UFPel (Edição Virtual)

Com base nos resultados obtidos, apesar da maioria dos respondentes considerar o ensino rural melhor que o urbano, percebe-se que o ensino na zona rural poderia ser melhor, como citado, pois as turmas tem um número de alunos reduzidos, assim, o professor pode dar mais atenção aos mesmos, logo, isso não acontece, pois o Governo afim de reduzir gastos cria as turmas multisseriadas, ou seja, um professor para duas ou até três turmas com níveis diferentes, prejudicando o ensino dos discentes (SILVA, 2016).

No quesito da matemática ofertada no âmbito rural, a maioria dos questionados não demonstraram dificuldades, e aqueles que demonstraram justificaram o fato pela “falta de didática” dos professores, possuindo dificuldade em conteúdos básicos da matemática que são necessários para os posteriores. Deste modo, nota-se a importância do educador, nesse caso, da zona rural, adaptar o ensino a partir da realidade vivida por seus alunos (ZEFELINO, 2014).

Nesse sentido, utilizar a Etnomatemática é uma das ferramentas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem (D’AMBROSIO, 2001), apesar de alguns respondentes terem dado exemplos que os professores adaptaram o ensino ao cotidiano, a maioria relatou que não tiveram essa adequação.

Ademais, o estereótipo relatado por Rodrigues e Bonfim (2017), foi confirmado por muitos questionados. A maioria relatou que não sofreram preconceitos por estudarem na zona rural, mas acreditam que ele exista.

Mesmo com os desafios e dificuldades que permeiam o ensino na zona rural, os respondentes pela grande maioria consideraram a experiência de estudar no âmbito rural como “boa”, assim, é possível constatar que a Educação Básica no Campo defendida por Arroyo, Caldart e Molina (2011), teve sucesso diante das opiniões analisadas no questionário.

Considerações Finais

O presente estudo, apresentou opiniões e situações no qual os alunos que tem/tiveram contato com o ensino na zona rural possuem, permitindo assim obter os dados, acerca do ponto de vista dos mesmos. É importante salientar que esse estudo, pode servir de suporte para ações e projetos, buscando a melhoria das questões citadas no seu decorrer.

Sob essa óptica, vale ressaltar a importância dos docentes da zona rural, planejarem e exercerem o processo de ensino-aprendizagem de forma adaptada ao meio no qual os alunos



estão inseridos, podendo ser um diferencial para o interesse nos conteúdos que serão transmitidos. Na disciplina de Matemática, com os dados e opiniões negativas sobre a mesma, recomenda-se a utilização da Etnomatemática, pois essa ferramenta tem como objetivo principal adaptar o ensino ao seu receptor, sendo importante para os discentes terem essa adaptação com o meio que vivem.

Levando em consideração, os achados da pesquisa, deve-se considerar a importância da formação profissional do docente, possibilitando maior visão das opiniões e vivências dos alunos que estudam na zona rural. Assim, destaca-se que os estigmas associados aos alunos da zona rural, devem ser extintos, além disso, deve-se melhorar o que foi citado como ruim e continuar aquilo que foi citado como bom, lembrando que esse processo de ensino é uma via de mão-dupla, depende tanto do professor quanto do aluno para alcançar bons resultados.

Outros estudos deverão ser realizados com o intuito de uma investigação mais aprofundada sobre o ensino na zona rural, buscando mitigar estigmas através da valorização do ensino.

Referências

ALENCAR, M. F. dos S. Educação do campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro. **Ci.& Trop.**, Recife, v.34, n. 2, p. 207-226, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART; Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo: Matemática. Brasília: MEDSEF, 1998.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9.394/1996. BRASIL. CAMARGO, J. F. de. **Êxodo rural no Brasil**: formas, causas e consequências econômicas principais. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

CAPUCHO, Alice Aparecida. **Os estigmas sobre o campo e o rural no ambiente escolar**. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal do Espírito Santo, Nova Venécia, 2019.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FROSSARD, Antônio Carlos. **Identidade do Jovem rural confrontando com estereótipo de Jeca Tatu**. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciência da Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação. Universidade Nova de Lisboa. Nova Friburgo, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Desigualdades e diversidade na educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 687-693, set.2012.

INEP. Divulgados resultados amostrais do Saeb 2019. Gov.br. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/saeb/divulgados-resultados-amostrais-do-saeb-2019>. Acesso em: 23 fev. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2010. Brasília: MEC, 2011. JANUZZI, Paulo.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, Luane Cristina Tractz. Da educação rural à educação do campo: conceituação e problematização. In: EDUCERE – Congresso Nacional de Educação, V Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e o VII Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente, 2017, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: PUC, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25113_12116.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

RODRIGUES, Hanslilian Correia Cruz; BONFIM, Hanslivian Correia Cruz. A educação do campo e seus aspectos legais. In: EDUCERE – Congresso Nacional de Educação, V Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e o VII Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente, 2017, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: PUC, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25287_12546.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

SILVA, Clarinda Isabel Soares da. **Preconceitos etnoculturais: meio rural e meio urbano**. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007. Disponível em: <tps://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/623/1/LC323.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ZEFERINO, Vânia Maria. **A educação do campo e seus desafios**. 2014. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação do Campo) – Universidade Federal do Paraná, Nova Tebas, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50571/R%2520-%2520E%2520-%2520VANIA%2520MARIA%2520ZEFERINO.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.